

nhados. Maria Della Costa dá bem a idéia da flor de estufa, delicada e espiritual, que fenece em solo áspero e hostil; teve deliciosos momentos líricos, sinceramente sentidos, Margarida Rey pinta-a com cores cruas a máscara e seca figura de Don'Ana Badaró, esplêndida de sobranceira na sua última cena, Iara Isabel e Nieta Junqueira caricaturaram com graça grotesca a solteirona e a professora e melhor não se podia desejar a Margot que Cacilda Becker compôs, do pitoresco do sotaque perfeito às maneiras sofisticadas. Quanto aos atores, boa a figura de Ziembinski, casando-se bem à brutalidade do tipo; gostaríamos de um tom de voz mais rico em inflexões. Sandro Polônio conduz bem o personagem através de cenas as mais variadas, revelando progressos seu talento interpretativo; é o papel mais trabalhoso e não o comprometeu. São de louvar, mais, Tito Fleury nessa curiosa figura mística e sinistra — o senhor Badaró — cujo espírito compreendeu; Jardel Filho no impetuoso Juca Badaró, de uma verdade flagrante que logo se impõe; Labanca, convincente, por sua naturalidade; e Jackson de Souza, bom tipo no Tônico Borges, mas que no Jeremias não soube manter o modo de falar do negro velho, sibilando os "s" dos tempos de verbos. Do T.E.N. além de Aguinaldo, nome feito magnífico e impressionante nos seus terrores e remorsos, nos pareceram bem Ruth de Souza, os trabalhadores e macumbeiros em perfeita forma.

Aliás, o quadro da macumba é um dos pontos culminantes do espetáculo. Dele se pode cortar o quadro do júri, por inútil e pouco convincente por imperfeito. O fundo musical de Dorival Caymmi é de uma grande propriedade.

A direção de Zygmunt Turkow tem senso realístico e deve ser louvada pelo muito que conseguiu de artistas em sua maioria bisonhos, sem o largo treino, o amadurecimento imprescindível ao sucesso em teatro.

(Transcrito do *Jornal do Miranda* — 10/8/1947.)

COMENTÁRIOS

"TERRAS DO SEM-FIM", NO GINÁSTICO

ALDO CALVET

A tentativa de transformar em peça teatral o belo romance de Jorge Amado não acreditamos idéia feliz de Graça Melo, porque por mais que condense todo o conteúdo da obra literária em lances dramáticos emocionais, ali são tantos e de variantes ininterruptas tão sugestivas que a dinâmica cênica, ainda que avançada para além do proscênio, nada reproduz do formidável drama da terra, quedando-se pálida e inexpressiva na escuridão inócua da platéia a poderosa sugestão da natureza bravia, rica de seiva, bela e agreste, cobijada, com seu feitiço misterioso, a despertar na ambição desmedida do homem rústico a

tentação de domínio advindo daí a "luta pela conquista da mata". Infelizmente o palco do Ginástico não possui condições para montagem de larga dimensão como a *Terras do Sem-Fim*, cuja intriga amorosa não passa de simples episódio romântico-sentimental na contenda de vida e morte que se trava entre Honório da Silveira e os Badaró. Prejudicada na sua encenação pela falta de amplitude, a teatralização arrastou-se na representação mística introspectiva de quadros pouco convincentes como o remorso do negro Damião, repetição dos capangas de emboscada e, sobretudo, aquele do júri que pode ser resumido em mera e breve narrativa. Devemos considerar também os de grande efeito dramático, poético e pitoresco, como os da macumba, da casa dos Badaró, da alfaiataria, da residência de Virgílio e aquele impressionante em que se vê postado à porta de Horácio o pobre e infeliz Firmo. Quanto à interpretação, seguindo a ordem, vimos Tito Fleury em *Cancioneiro Popular*, *Sinhô Badaró* e *Promotor*. No primeiro, esteve natural; no segundo, apenas a sua articulação se assemelha demasiado a Ziembinski; a composição do tipo foi boa. No último, convincente. Ziembinski ofereceu-nos a arrogância do "Coronel Honório da Silveira". Dificilmente muda de voz, mas a verdade é que possui recursos interpretativos dignos de louvores em gestos e atitudes espontâneos. "Ester" foi Maria Della Costa que vai melhorando sen-

sivelmente. Sandro Polônio, em "Dr. Virgílio", mostrou-se discretamente. Labanca, à vontade, no "Maneca Dantas". Ruth de Souza em "Felismina" e "Raimunda", bem, Valdir Moura — "Trabalhador", "Firmo" e "Totônio", somente no segundo se destaca. Jardel Filho no "Juca Badaró" e "Juiz", muito bem em ambos os papéis. No primeiro, embora seu tipo pareça um pouco *cowboy* de filme de *far-west*, Jardel mostra-se com qualidades apreciáveis. É talvez a figura mais marcante de toda a peça. Margarida Rey deu-nos "Don'Ana Badaró", com absoluto acerto. Aguinaldo Camargo, no "Negro Damião", teve mais uma oportunidade para evidenciar as suas excelentes aptidões de intérprete. Magalhães Graça, basta a atuação no "Dr. Jesse". Compôs bom tipo, conduzindo-o com exatidão. Jackson de Souza, muito bem no "Tonico Borges" e no "Pai Jeremias". Davi Conde apareceu no "Azevedo", com agrado. Iara Isabel, julgando fazer uma ridícula, exagerou um pouco, na "Dona Zefinha", bem como Nieta Junqueira, na "Professora". Cacilda Becker, muito bem, na cocote "Margot". Ainda vimos Josef Guerreiro dobrando quatro papéis inconseqüentes. A direção de Ziegmunt Turkow teve as suas falhas, talvez por precipitação da estréia. Não compreendemos, por exemplo, porque o *metteur en scène* não conduziu a passagem de "Don'Ana Badaró", imponente por entre o capangada do "Coronel Honório da Silveira", fazendo-a

sair pela direita baixa. O Sr. Tito Fleury, por influência ou coisa parecida, fala igualzinho ao Sr. Ziembinski. Jardel Filho não está vestido como um fazendeiro nordestino que, de ordinário, costuma usar um chapéu de couro e alpercata de sola crua. Aquele lustre da residência do Horácio devia ser um lampião de carbureto ou que-rosene. Os cenários de Santa Rosa são sugestivos. A execução de Sandro, sem reparos. As músicas de Dorival Caymmi são fragmentos que pouco impressionam, com exceção, é claro, da macumba. *Terras do Sem-Fim* agrada de modo geral, mas não desperta o interesse que se espera, ainda que seja um espetáculo de intenso cunho de brasilidade. O mesmo argumento aproveitado em filme será, sem dúvida, produção extra da cinematografia nacional. Vale contudo reconhecer o esforço d'Os Comediantes Associados nesta nova iniciativa.

(Transcrito de *Folha Carioca* — 12/8/1947.)

“TERRAS DO SEM-FIM”, NO GINÁSTICO

GUSTAVO A. DORIA

UM dos fenômenos inexplicáveis em nossa literatura teatral tem sido o seu divórcio quase completo das correntes que em realidade representam a inteligência nacional. Os que escrevem para o teatro entre nós, salvo umas raras exceções, estão longe de formar um

bloco, de representarem uma parte da nossa literatura. Por isso é que o aparecimento do nome de Jorge Amado na cena nacional, ainda que essa estréia se verifique por meio indireto, é um acontecimento que se deve marcar com pedra branca. Formando entre os maiores expoentes de nossa geração atual de escritores, Jorge Amado tem oferecido à nossa literatura uma série de belos trabalhos impregnados de um sopro muito grande de regionalismo que, não outro fosse o seu mérito, tem muito contribuído para que os leitores das capitais travem conhecimento com os problemas em que se debatem as nossas populações do interior. Dos seus livros foi *Terras do Sem-Fim*, que Graça Melo escolheu para extrair um original de teatro, descobrindo, na história bonita e dolorosa da luta pela terra do sertão baiano, momentos teatrais que o ajudariam possivelmente a construir uma obra de mérito. Há muitos anos dedicado ao teatro, pertencendo ao elenco de Os Comediantes desde os seus primeiros espetáculos, Graça Melo traz em seu favor a experiência e o conhecimento de um ambiente, que é a sua verdadeira paixão e que o fez abandonar toda e qualquer outra atividade. Munido dessas credenciais, preparou ele o *script* do belo romance, procurando demais ser-lhe fiel, não apenas dentro do enredo, mas sim dentro da sua seqüência da maneira de narrar. E, a meu ver, foi esse o seu maior mal. *Terras do Sem-Fim*, como está elaborada, não chega a ser